



Por que cantam os passarinhos?

Why do birds sing?

Juliana Mendonça Palhares¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Tornar a narrativa de si a matéria estruturante para a reflexão e análise do meu próprio sujeito e de sua travessia como *artista-professora-pesquisadora*. *Por que cantam os passarinhos?* apresenta a ação de investigar a minha própria história e dela extrair uma experiência significativa, primordial para o meu caminho de vida e escolha profissional. O ato de debruçar sobre a minha experiência e esmiuçá-la, procurando analisá-la e compreendê-la como um momento existencial vivido em completude, transforma o instante do presente e abre novas possibilidades de construção de sentidos. Num segundo momento do estudo, observei como a minha narrativa provocou o *corpo-estético* da criança e passou a ser também uma narrativa de outras infâncias.

Palavras-chave: Narrativa de si, experiência estética, infância.

Abstract

Making the narrative of the self into structuring matter for reflection and analysis of my own self and its crossing as artist-teacher-researcher. "*Why do birds sing?*" presents the action of investigating my own history and extracting, from it, a meaningful experience, crucial for my life path and own professional choice. The act of looking over my own experience and unravel it, seeking to analyze it and understand it as an existential moment lived in full, transforms the present moment and opens new possibilities for constructing meanings. At a second time in the study, I observed how my narrative provoked children's aesthetic bodies and also became a narrative of other childhoods.

Keywords: Narrative of the self, aesthetic experience, childhood.

Enviado em: 05/05/18 - Aprovado em: 17/07/18

Tessituras para a travessia: narrativas, experiência e infância

Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições.
(Manoel de Barros)

Por que cantam os passarinhos? faz da narrativa de si um campo de investigação e reflexão sobre o sujeito e sua travessia no existir. O exercício de se narrar foi desenvolvido como uma forma de compreender quais são as experiências essenciais que, ainda hoje, reverberam e modificam o meu corpo.

A procura pelas experiências que se mostram transformadoras, como pontos de mutação que se desdobram e modificam a vida ordinária fez com que chegasse a minha primeira infância e redescobrisse a importância dos olhos contemplativos de meu avô na constituição do meu *corpo-sujeito*¹. O processo de investigação ressaltou a relevância da experiência estética como um tipo de experiência capaz de articular vários elementos e construir novos sentidos para o vivido.

O ato de narrar uma experiência vivida traz a possibilidade de revivê-la em sua potência estética e de transformação da realidade, transformando uma experiência do passado em algo que também se realiza no tempo presente, e, abre alternativas para a construção de sentidos futuros. Viver uma experiência e depois narrá-la oferece uma oportunidade de se debruçar sobre o vivido e fazer dele matéria para se compreender, refletir e questionar a própria existência.

A experiência vivida debaixo do chapéu de palha do avô se transforma em narrativa através do corpo, da palavra e do desenho. O ato de se investigar provoca o meu *corpo-narrativo* que se pergunta sobre os desdobramentos de sua história ao tocar o *corpo-poético* da infância.

Por que cantam os passarinhos? para além da auto narrativa é estruturado como uma proposição de experiência a ser vivida por 26 crianças de 4 a 6 anos, na Educação Infantil da Escola da Serra. A história do aprendizado dos passarinhos foi contada cenicamente, utilizando objetos e formas animadas como ponto de provocação para que as crianças inventassem seus passarinhos e seus cantos.

A experimentação faz parte da pesquisa de Doutorado, em andamento, denominada *METÁFORA E INFÂNCIA: a metáfora na produção visual e nas experiências artísticas em*

¹ As palavras em itálico ligadas por hifens foram "criadas" pela autora e pontuam o estabelecimento de uma relação, uma continuidade entre suas partes. A exceção é a expressão *ser-no-mundo* que pertence a Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938). Husserl foi um filósofo e matemático alemão que criou e estabeleceu a escola da fenomenologia.

*Artes Visuais na Educação Infantil*². A pesquisa investiga a presença e forma de manifestações metafóricas nas produções e experimentações artístico-visuais das crianças de um a cinco anos. Um dos pontos estruturantes da pesquisa é o estudo das experiências estéticas e sua potencialidade na [re]construção de sentidos. Neste contexto, a pesquisadora realizou em *Por que cantam os passarinhos?* uma investigação sobre uma de suas experiências estéticas essenciais vivida na infância, refletindo sobre seus desdobramentos em sua atuação como artista, professora e pesquisadora, e, ao levar sua narrativa ao encontro das crianças buscou compreender e analisar as diversas formas com que a narrativa foi acolhida, transformada e [re]significada.

A tessitura da experiência estética junto à narrativa e à infância aparece como morada para o poético e a delicadeza. Dizer de si revela a si mesmo e o outro, ilumina a costura da vida revelando os afetos, as saudades e a essência de uma existência.

Narrar a existência: onde guardo a morada de meus despropósitos

Tem mais presença em mim o que me falta.
(Manoel de Barros)

Descobrir a morada das primeiras histórias que me fizeram é tarefa difícil tecida no emaranhado da memória, dos afetos e do imaginário que a procura e a [re]constrói. Benjamin (1987, p. 35) cita um ditado alemão que diz “quem viaja tem muito a contar”. Talvez o processo de contar minha história faça com que me torne viajante de meu próprio *corpo-território*. No instante em que conto a experiência da minha existência sinto-me tomada de um estranho distanciamento de mim mesma, como se fosse capaz de olhar no espelho de meus próprios olhos. Dizer de mim, me faz matéria estrangeira: *corpo-narrativo* que traz em si o eu e o outro.

Tomar nas mãos a minha história, apreciá-la com olhos investigativos, acolhê-la com a delicadeza necessária para descobrir os sentidos e depois escolher dar a ela a consistência da mancha pictórica, do desenho e da palavra. O ato de me narrar presentifica o meu passado, transforma-o em instante vivido no agora e abre possibilidades para meu corpo grafar o que ainda não veio. O sentido do tempo é então compreendido a partir de um *corpo-sujeito* em sua experiência de existir.

² Pesquisa de Doutorado da autora, sob orientação da Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel, em processo de desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

O ser humano faz a experiência de si mesmo e do mundo em um tempo que ele relaciona com sua própria existência. A *temporalidade biográfica* é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136).

Dizer de mim significa compreender que a narrativa se constrói na tessitura da experiência. Segundo Larrosa Bondía (2002, p. 25), "a experiência é a passagem da existência". A travessia proposta por Larrosa Bondía (2002) pressupõe um sujeito que se dispõe ao devir, ao encontro com o desconhecido, com o que o desloca: as experiências mais transformadoras podem nascer no cotidiano, mas ultrapassam seu desenho já visto e emergem no espaço do extraordinário.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, [...]: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, [...], sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, [...], cultivar a atenção e a delicadeza, [...], aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24).

Percebo que ao pensar na minha história busco o que a difere, o que na minha temporalidade se constituiu como um deslocamento, um afeto que impulsionou o sensível e trouxe a possibilidade da [re]construção de sentidos. O processo de biografar-se tem em sua essência a curiosa ação de transformar uma experiência vivida em uma nova experiência: a narrativa oferece a oportunidade de desdobrar o vivido e, ao fazê-lo, torná-lo outro instante de existência.

Identificar o momento em que o tempo e a percepção se dilataram e meu ser se dispôs ao exercício de se afetar no encontro com o outro e retornar transformado. Serra (2014) narra sobre o acontecimento autobiográfico de Derrida que durante sua infância, numa obra nos alpendres de sua casa, um dos ladrilhos foi colocado de forma invertida: "o menino Jacques Derrida demorava-se em olhar esse ladrilho". (p. 38). O despropósito de um ladrilho deslocado desencadeou o processo de elaboração do pensamento desconstrutivo desenvolvido por Derrida. Penso no ladrilho que habita os olhos do menino e pergunto onde mora o meu desarranjo, o despropósito tecido na minha existência que ainda faz morada no meu olhar.

No exercício para compreender as cores e as texturas das terras que se tornaram meu chão e [re]encontrar as vivências primordiais que movem hoje o meu corpo e me fazem

artista-professora, escolho olhar minha infância: esteio para *ser-no-mundo* e traçar a travessia da vida.

Começo por dizer dos caminhos. Os territórios que escolhi para fazer meu corpo trazem pigmentos vários, colhidos na criança que fui, semeados no adulto que me faço: ocre, cheiro de caixa de lápis de cor, conversa de bem-te-vi, desenhos para [sobre]viver.

Meu *corpo-criança* cresceu em silêncios dilatados, na escuta dos passarinhos, na sombra do chapéu de palha do avô. As terras de meu avô João foram os meus primeiros territórios: com ele aprendi a prepará-las para a chegada das sementes, a esperar o tempo do crescer e a tecer nas mãos a delicadeza necessária para a colheita. Os olhos contemplativos de meu avô em seu encontro com a natureza foram as primeiras lentes com que olhei o mundo, a minha primeira experimentação estética.

O apreço de João pelos passarinhos, pela passagem do tempo nas folhas, pelo olhar demorado no céu, tornou-se parte de meu corpo e tema recorrente de meus desenhos. Assim como o menino de Galeano (2002) que pede ajuda ao pai para olhar a imensidão do mar, foi de mãos dadas com meu avô que iniciei meu aprendizado para olhar poeticamente o mundo.

Sob o chapéu de palha de meu avô vivi muitas *imagens-histórias* que desenharam em meu *corpo-criança*, linhas grafadas na delicadeza e na procura dos encantamentos pequeninos. Entre tantas narrativas possíveis para contar, escolhi uma primeira linha em despropósito que continua ainda hoje no pergaminho do meu corpo e traz em seu desenho inesperado um arranjo que silencia e acolhe, pois, compreendo agora que a narrativa tem o poder de revelar o vivido na tessitura do meu imaginário, e, para escutar sua voz é preciso deixar transbordar o silêncio e encontrar a morada onde minha essência fez pouso.

O aprendizado dos passarinhos: primeiros movimentos de um *corpo-narrativo*

Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.
(Manoel de Barros)

Lembro-me da casa rosada de tinta caiada e luz de lampião. O sítio de meu avô era lugar de refúgio, de infância expandida, de descobrir as conchas dos caramujos e desviar o caminho reto e sem sonho das formigas. João era um homem de silêncios, um catador

dos tesouros simples e diminutos da natureza. Ensinou-me a dar bom dia aos sapos, a conhecer o mistério das asas das libélulas e a [pré]sentir a chegada das chuvas. De todos os seus ensinamentos desimportantes guardo, na carne mais delicada do meu corpo, o aprendizado dos passarinhos.

O momento predileto do dia era quando deitávamos na terra para descobrir qual azul tinha ido morar no céu. Os azuis do avô eram desconcertados: *azul-fundo-do-rio*, *azul-chegada-da-chuva*, *azul-mais-azul*, *azul-início-de-amora*. A minha menina se deliciava em criar mais azuis para o mundo, e, o céu que já traçava o infinito ficava, inesperadamente, ainda maior para colher as matizes inventadas.

Em um dos dias de contemplar o céu, de repente, uma cantoria de passarinhos desenhou linhas no azul inventado. O maravilhamento das sonoridades invadiu meu corpo e uma pergunta nasceu: por que cantam os passarinhos?

João amava as perguntas: os questionamentos inusitados e poéticos da infância. Recolheu minha pergunta com cuidado, olhou-a de vários ângulos, silenciou-a para que pudesse ouvir as respostas e então, calmamente, começou a contar suas respostas imaginárias:

1. Alguns passarinhos cantam para que saibamos seu nome, dentre eles te ofereço o Bem-te-vi e o Manhã-eu-vou;

2. Outros passarinhos cantam para que conheça suas músicas prediletas. O canário tem preferência pelos choros de Nazareth³ e o pássaro preto aprecia a sonoridade de Wagner⁴;

3. Alguns passarinhos escolheram o silêncio como canção. O beija-flor agita suas asas e recolhe, pausado em silêncio, a doçura das flores;

4. O último passarinho, o sabiá, se apaixonou pelo vocalize sedutor das sereias e vive beirando as águas para afogar em seus cantos.

³ Ernesto Nazareth (1863-1934) foi um pianista e compositor brasileiro que compôs mais de 200 peças das quais se destacam os choros.

⁴ Richard Wagner (1813-1883) foi compositor, maestro e ensaísta alemão conhecido principalmente por suas óperas.

O aprendizado dos passarinhos traz luz para uma experiência estética que marcou meu *corpo-criança* e reverbera na poética do meu olhar adulto. As invenções de meu avô para justificar o canto dos passarinhos provocaram o meu imaginário, afetaram a forma como percebo o mundo e abriram possibilidades para a construção de sentidos. A experiência vivida é no momento da narrativa revisitada e por ser significativa ainda é capaz, depois de tantos anos, de provocar meu *corpo-poético*, de trazer de volta a sonoridade dos pássaros, juntamente, com a voz baixa e afetuosa de meu avô e caminhar além trazendo a compreensão de como escolho ouvir e olhar o mundo.

Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, p. 143).

Narrar hoje essa experiência me leva a refletir sobre os seus desdobramentos em minha vida. Na travessia para ser *artista-professora*, carreguei meus achados da infância, e meu olhar se formou na essência desses pequenos tesouros. Nos recortes que faço do mundo, colho a importância do detalhe: a estampa desbotada na louça, a linha que inventa as asas do pássaro, o desdobrar das dobradiças, o traço que se torna verso.



Figura 01. *No ar* (caneta hidrocor sobre papel).
Fonte: Palhares (2017).

As linhas que tecem meus desenhos possuem em suas moradas o canto invisível dos passarinhos de João. Percebo que minhas grafias buscam o traço simples, que se constrói no silêncio, assim como, se fizeram os olhos de meu avô: abertos para colher a simplicidade e as pausas do mundo.

Na contemplação do cotidiano criado em minhas predileções por achados inusitados, nasceu meu interesse por sublinhar no mundo as quinas, as pontas dos dedos e os azuis das crianças. Meus tesouros são tecidos no encontro com a infância: a descoberta da primeira cor, a pele que vira pergaminho, o sabor dos balbucios, o corpo que se expande em desenho.

Segundo Delory-Momberger (2016, p. 141) “na e pela narrativa, o sujeito executa um *trabalho* de configuração e *interpretação* – de dar forma e sentido- da experiência vivida” (grifo da autora). Posso então dizer que o difícil exercício de contar a minha história trouxe a possibilidade de perceber como as minhas primeiras experiências se tornaram fundamentais para o meu ser hoje. O encontro com meu avô, esse outro que revelou a poesia não como gênero literário, mas como forma de ver o mundo, se tornou elemento de minha essência e de minha tessitura para *ser-no-mundo*.

Por que cantam os passarinhos: quando a narrativa encontra o *corpo-criança*

Os Outros: o melhor de mim são Eles.
(Manoel de Barros)

O que acontece quando a minha narrativa encontra o corpo do outro? A minha história que era parte imaginária de um instante vivido, ao ser contada e transformada em linha, passa a ser, nesse momento, a narrativa que habita o território de outrem. Na travessia entre meus desenhos, meu corpo, minha palavra e o pergaminho do corpo outro que me desenha, me presentifica e colhe o meu dizer, como o meu pertencimento se faz agora o pertencimento de outrem?

No exercício de tecer a minha narrativa, nasceu o desejo de experimentar seus desdobramentos ao tocar o corpo de outrem. O arranjo poético do aprendizado dos passarinhos que se instalou em minha menina, buscou o corpo desmedido de outras infâncias para fazer seu pouso.

Para narrar a história preparei meus passarinhos, busquei o chapéu de palha, encontrei os gestos, as pausas e as canções. Trabalhei na dramatização da minha narrativa para que ela chegasse através da cena e da manipulação de objetos alcançando as crianças através do teatro e do desenho. Para a história do aprendizado dos passarinhos acrescentei, no final, o momento em que o avô fica encantado e se transforma em passarinho para habitar os azuis inventados do céu.

Junto com a história, preparei materiais a serem disponibilizados para as crianças criarem seus passarinhos. A proposta de experimentação artística foi desenvolvida com 26 crianças de 4 a 6 anos no segmento da Educação Infantil na Escola da Serra (Belo Horizonte/MG) em outubro de 2017. Além dos desenhos dos passarinhos, cada criança criou seu canto que foi registrado, individualmente, em áudio.



Figura 02. *Sem título* (Joaquim⁵ 4anos).
Fonte: Palhares (2017).

Início a história sobre a casa caiada de rosa, o chapéu de palha do avô João e o momento em que deitávamos no chão para admirar os azuis do céu. Lanço, então, a pergunta que fiz a João: Por que cantam os passarinhos? Joaquim, com sua sabedoria de criança, responde prontamente: “eles cantam pra aliviar”. Olhei para Joaquim com seu

⁵ Para manter a identidade das crianças preservada, todos os nomes presentes no artigo são fictícios. As idades correspondem à realidade.

cabelo revolto e um machucado novo e pensei no quanto a minha cumplicidade com meu avô e seus passarinhos me aliviam na trajetória da vida. Contemplei o passarinho, ainda sem nome, que Joaquim havia criado. Seu passarinho com feições de menino flutua feliz com seus *pés-asa* e penso: quais serão os alívios que o passarinho de Joaquim canta?

A história continua. Os choros de Nazareth habitam o canto do canarinho e o *corpocriação* de Ivan e Luiz se deliciam com as sonoridades. Os passarinhos inventados de Ivan e Luiz trazem um molejo escondido debaixo das asas, um desejo constante de se tornarem música e seguirem voo.



Figura 03. *Sem título* (Ivan, 4 anos).
Fonte: Palhares (2017).

O passarinho de Ivan parece pousar para observar o desenho das letras que constroem o seu céu. A brincadeira de voar e fazer da música de Nazareth o canto do seu *corpocriação*, reverberaram na sonoridade das *letras-desenhos* e criaram uma canção nova para o passarinho sem nome de Ivan.

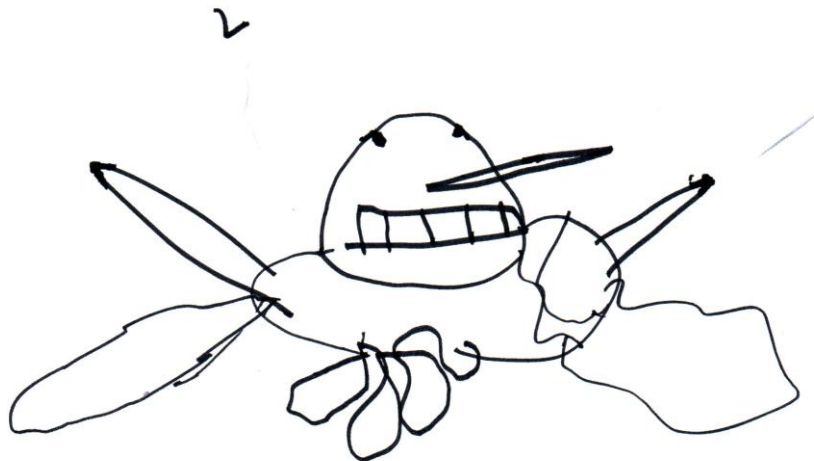


Figura 04. *Sem título* (Luiz, 5 anos).
Fonte: Palhares (2017).

O passarinho inventado de Luiz tem sorriso largo, muitas asas e pés para atravessar os azuis do céu. Seu canto traz a brincadeira deliciosa dos choros de Nazareth, no áudio posso perceber a célula rítmica que se repete e diverte os ouvidos do menino. O passarinho de Luiz ainda não tem nome, mas já canta alto, batendo todas as suas asas e fazendo algazarra em seus voos imaginários.

O canto da sereia habitou o espaço da sala e fez nascer o silêncio. Percebo que não só o sabiá se rendeu aos mistérios do vocalize da Iara, mas a melodia sinuosa e delicada fez dos *corpos-criança* um espaço de arrebatamento e pausa. Um instante que fez morada no sublime, no extraordinário e tornou o voo do sabiá uma travessia tecida no encantamento e na contemplação.

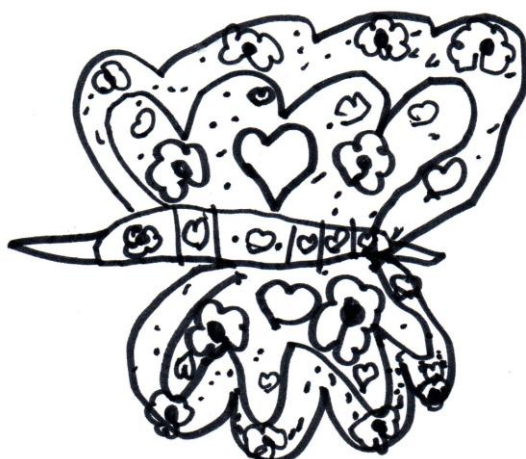


Figura 05. *Flórida* (Marina, 5 anos).
Fonte: Palhares (2017).

A passarinha inventada de Marina vestiu suas asas de flores e corações para atravessar o espaço. Percebo que possui uma grafia híbrida entre um pássaro e uma borboleta, um ser imaginário que se constrói na dualidade e nos detalhes dos desenhos de suas asas. *Flórida* não canta. Talvez faça como as sereias de Kafka (1988) que tornam seu silêncio uma arma ainda mais arrebatadora e da qual ninguém consegue escapar. *Flórida* voa enquanto se tece nas linhas do silêncio de Marina.

Percebo que minha narrativa ao fazer de seu território o *corpo-pergaminho* da infância, reapareceu transformada pelos 26 passarinhos inventados que passaram a habitar os azuis imaginários de meu avô. Cada *corpo-criança* teceu sua narrativa em desenho, som e silêncio. A história que inicialmente me pertencia, agora é parte do voo e do imaginário de outras infâncias. Os sentidos e os afetos da minha narrativa alargaram seus territórios, tornaram-se terras outras para acolher outros avôs, outras meninas e meninos. Nos céus da história, outras matizes inventadas poderão fazer seus pousos, desdobrando-se em terrenos para o imaginário fazer morada e habitar o *corpo-desdobrável* da infância.

Considerações finais

Por que cantam os passarinhos? traz a narrativa de si como uma possibilidade de investigação sobre a importância das experiências estéticas nas histórias de cada sujeito. O artigo partiu de uma história vivida para tecer reflexões sobre os desdobramentos em minha vida passada, presente e futura, e, salientou a relevância das experiências estéticas como promotoras de construção de sentidos, saberes e afetos. Pode-se pensar na continuidade do estudo, buscando novas narrativas que se baseiem em experiências estéticas e promovam outras reflexões, sentidos e questionamentos sobre o sujeito que narra e o outrem que compartilha de suas narrativas.

O artigo traz o desenho e as sonoridades criadas pelas crianças como narrativas que se constroem sem ter a palavra como estrutura primordial. Pensar na possibilidade de compreender o desenho, o som, a pintura, a performance, dentre outros, como campos de construção narrativos, amplia o entendimento do que pode vir a ser uma narrativa e suas possibilidades de pesquisa.

A experimentação vivida pelas crianças, a partir da minha narrativa que teve como estrutura uma experiência estética, revelou compreensões, imaginários e construções de sentidos variados. Cada *corpo-criança* fez da narrativa um campo para a criação visual e sonora, [re]inventado passarinhos e possibilidades para o seu cantar. *Por que cantam os passarinhos?* na pesquisa *Metáfora e Infância* valida a investigação e reflexão sobre a importância de se promover experiências artísticas na infância, percebendo-as como um campo de construções vivenciais e expressivas, significativas e potentes para a construção de sentidos e saberes.

Referências

BARROS, M. de. Compêndio para uso dos pássaros. In: Manoel de Barros. **Biblioteca Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Leya, 2013. v. 4.

_____. Concerto a céu aberto para solos de ave. In: Manoel de Barros. **Biblioteca Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Leya, 2013. v. 10.

_____. Livro sobre nada. In: Manoel de Barros. **Biblioteca Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Leya, 2013. v. 12.

BARROS, M. Retrato do artista quando coisa. In: Manoel de Barros. **Biblioteca Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Leya, 2013. v. 13.

BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3.ed., 1987.

DELORY-MOMBERGER, C. A Pesquisa Biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, n.01, p. 133-147, 2016.

DEWEY, J. **Arte como Experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Trad.: Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

HEIDEGGER, M. La esencia del habla. In: **De camino al habla**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

KAFKA, F. Le silence des Sirènes. In: **uvres complètes**, Tomo II, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la pléiade, 1988.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

SERRA, A. Arte e imagem sob os olhares da Desconstrução. **Cult**, São Paulo, n. 195, p. 38-43, 2014.

ⁱ Doutoranda, Mestre em Artes e Bacharel em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG. Professora de Artes Visuais da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Autora de livros didáticos de Arte para o Ensino Fundamental e Médio. Fundadora e integrante do Grupo Matraca – Teatro e Bonecos. Membro do Grupo de Pesquisa Ensino de Arte e Tecnologias Contemporâneas (CNPq).

Como citar esse artigo:

PALHARES, Juliana Mendonça. Autobiografia Por que cantam os passarinhos?. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 121-134, mai./ago. 2018.